

A DIDÁTICA DA HISTÓRIA: UM INVENTÁRIO DAS PROXIMIDADES EM PESQUISAS NA EUROPA E CANADÁ

THE DIDACTICS OF HISTORY: AN INVENTORY OF RESEARCH TRENDS IN EUROPE AND CANADA

Arnaldo Martin Szlachta Junior *
arnaldo.szlachta@ufpe.br

Wilian Junior Bonete **
wilian.bonete@ufpel.edu.br

RESUMO: O termo Didática da História é conhecido no Brasil através de textos e artigos provenientes da vertente investigativa alemã. Por essa e outras razões, alguns pesquisadores não aceitam tais discussões, pois não concordam com as análises, sobretudo as de Jörn Rüsen, acreditando que o campo se limita exclusivamente a essa abordagem de matriz germânica e que não existe pluralidade teórica e temática. No entanto, isso é um equívoco. O presente artigo constitui uma iniciativa para relacionar, de forma reflexiva, diferentes pesquisas e experiências de aprendizagem histórica em países como Alemanha, França, Espanha, Itália e Canadá. Demonstramos que pesquisadores em diferentes lugares, embora com conceitos que às vezes se aproximam e às vezes se destacam por iniciativas locais, pensam o ensino de história a partir dos referenciais que articulam a teoria da história, a historiografia e a educação. Apontamos conceitos como "pensar historicamente", "laboratórios de história" e uma estruturação de variantes da noção de "consciência histórica" em múltiplos contextos. Por fim, destacamos que outro elemento que une esses trabalhos é o protagonismo das ideias de estudantes e docentes no processo coletivo de construção do saber histórico escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da História; Consciência histórica; Aprendizagem histórica.

ABSTRACT: The term "Didactics of History" is known in Brazil through texts and articles originating from the German investigative approach. For this and other reasons, some researchers do not accept these discussions, as they disagree with the analyses, especially those of Jörn Rüsen, believing that the field is exclusively limited to this Germanic framework and lacks theoretical and thematic diversity. However, this is a misconception. This present article represents an initiative to reflectively relate different research and historical learning experiences in countries such as Germany, France, Spain, Italy, and Canada. We demonstrate that researchers in various locations, while sometimes having overlapping concepts and sometimes distinguishing themselves through local initiatives, approach history education by integrating the frameworks of historical theory, historiography, and education. We highlight concepts such as "thinking historically," "history labs," and the structuring of variations of the notion of "historical consciousness" across multiple contexts. Finally, we emphasize that another common element in these works is the protagonism of students' and teachers' ideas in the collective process of building school historical knowledge.

KEYWORDS: Didactics of History; Historical Consciousness; Historical Learning.

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (2019). Professor do Departamento de Ensino e Currículo do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco e docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em História (PPGHistória UFPE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória UFPE).

** Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Professor Adjunto do Departamento de História (Instituto de Ciências Humanas) da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Introdução

Não é nenhuma novidade para aqueles que acompanham o campo investigativo do ensino de história que os estudos sobre a aprendizagem histórica, desenvolvidos a partir das perspectivas da Didática da História¹ e da Educação Histórica² ganharam relevância nos últimos vinte anos, no Brasil. Atualmente essas produções científicas não se limitam a uma região específica, mas estão presentes em diversas instituições de ensino superior brasileiras respectivamente nos programas de pós-graduação em educação, em história e nos mestrados profissionais (ProfHistória).

Flávia Caimi (2015), ao realizar um levantamento sobre os caminhos recentes da história escolar, aponta que a vertente investigativa da Educação Histórica possui um destaque significativo no cenário brasileiro. Liderada por pesquisadores como Peter Lee, Hilary Cooper, Isabel Barca, Marília Gago, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli, entre outros, essa vertente visa investigar as ideias históricas de estudantes e professores, bem como compreender a natureza do conhecimento histórico e os significados que os sujeitos atribuem a esse conhecimento. Por sua vez, Letícia Mistura (2020) corrobora a análise de Caimi (2015), ao conduzir uma análise a partir de 63 trabalhos, entre dissertações e teses, escritos entre 2005 e 2018, com o objetivo de identificar as principais bases teóricas da aprendizagem histórica. A autora identificou três bases essenciais que sustentam esses estudos, a saber: a teoria da história de Jörn Rüsen, os estudos de educação histórica inglesa e uma base "desviante" cujos princípios se encontram entre a educação e a psicologia.

Os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da Didática da História também ganharam força, especialmente na última década. Pesquisadores ligados a essa abordagem buscam, principalmente, analisar a formação da consciência histórica na sociedade, conforme

¹ Como será demonstrado ao longo do texto, o termo Didática da História possui diferentes nuances e definições. No Brasil, as investigações pautam-se principalmente pelos estudos da vertente alemã conhecida como *Geschichtsdidaktik* e conceitos como consciência histórica, cultura histórica, identidade histórica e aprendizagem histórica. Indicamos o recente trabalho do historiador Max Lânio Pina (2023) que apresenta uma síntese das principais produções e gerações de pesquisadores em Didática da História no Brasil.

² A Educação Histórica é uma vertente investigativa de tradição anglo-saxônica, conhecida como *History Education*, e conta com representantes no Reino Unido, Estados Unidos da América e Portugal. Já no Brasil, os estudos em educação histórica têm sido desenvolvidos, desde os anos 2000, junto ao Laboratório de Pesquisas em Educação Histórica (LAPEDUH), sob coordenação da professora Dra. Maria Auxiliadora Schmidt. O laboratório também é responsável, juntamente com o Prof. Dr. Estevão de Rezende Martins (UNB), boa parte das traduções para a língua portuguesa e circulações de diferentes obras sobre aprendizagem histórica e, principalmente a obra do historiador Jörn Rüsen. Para maiores informações e sínteses, conferir: Schmidt, Barca, Martins (2010); Alves (2011); Schmidt, Barca, Urban (2014).

apontado por Klaus Begmann (1990). Isso envolve a produção, circulação e uso social do conhecimento histórico. Wilian Barom (2014), ao apresentar um mapeamento das teses e dissertações brasileiras sobre o tema, produzidas entre 2001 e 2009, identificou o que ele chama de "microcampos da Didática da História". O autor destaca que os estudos se subdividem em investigações empíricas em ambientes escolares e não escolares. Dentre os trabalhos levantados, o conceito central é a consciência histórica, que está relacionada a outros conceitos como temporalidade, narrativa, identidade, formação histórica e cultura histórica.

Produções, atividades e eventos acadêmicos baseados na perspectiva da Didática da História, aliada aos estudos da Educação Histórica, continuam a ser realizados em diversas instituições de ensino no Brasil. Novos interesses de pesquisa emergem, destacando, principalmente, as potencialidades dos conceitos de consciência histórica e cultura histórica. Como exemplo, vale mencionar o 1º Simpósio Internacional de Didática da História, com o tema "O futuro da Didática da História"³, organizado e promovido, no ano de 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), em colaboração com o Laboratório de Aprendizagem e Ensino de História (LAEH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Instituto Federal do Paraná (IFPR). Este simpósio proporcionou discussões fecundas sobre conceitos, questões e desafios no campo da Didática da História.

Da mesma forma, é relevante mencionar a realização do curso de extensão intitulado "Didática da História e Ensino de História: Pesquisas, Abordagens e Perspectivas" em 2023. Este curso foi organizado pelo Laboratório de Ensino de História (LEH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em colaboração com o Instituto Federal do Paraná (IFPR). O principal

³Maiores detalhes do evento podem ser acessados em: <https://www.event3.com.br/i-simposio-internacional-de-didatica-da-historia-o-futuro-da-didatica-da-historia-273092/>. Além disso, todas as mesas estão gravadas e disponíveis em: <https://www.youtube.com/@ppgh-ufg9573/streams>. É conveniente destacar que o LAPEDUH/UFPR, há duas décadas, vem realizando encontros e seminários nacionais e internacionais sobre educação histórica e didática da História, inclusive viabilizando a presença de investigadores de diferentes localidades do Brasil e do mundo. Um dos eventos de grande porte é o Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica. Outro grupo que tem realizado diferentes tipos de eventos é o Grupo de Pesquisa em Didática da História (GEDHI) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob a coordenação do Prof. Dr. Luis Fernando Cerri. Todavia, quando nos referimos ao 1º Simpósio Internacional de Didática da História, não estamos minimizando ou ignorando toda essa carga experiencial anterior, mas apenas destacando que é o primeiro simpósio especificamente com este título.

objetivo do curso foi promover uma abordagem ampla e diversificada dos caminhos e perspectivas da Didática da História no contexto brasileiro.⁴

Esse breve esboço nos mostra que os estudos em Didática da História, assim como aqueles em Educação Histórica, continuam exercendo influência e contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem da história no Brasil. Em diferentes programas de pós-graduação, seja em história ou educação, novos pesquisadores e pesquisadoras estão introduzindo abordagens diversas, estabelecendo novos diálogos, introduzindo novos conceitos, temas e objetos de estudo que enriquecem a aprendizagem histórica em suas várias dimensões.

Diante disso, o objetivo central deste artigo é apresentar as diversas perspectivas da Didática da História em diferentes países europeus e as experiências de pesquisa no Canadá. A proposta surge em um contexto em que vários autores têm criticado a capacidade dos estudos em Didática da História de contribuir para a compreensão do ensino da história, dos processos de aprendizagem histórica e de fornecer respostas para as diversas crises de sentido e experiências do tempo presente que marcam a realidade brasileira e latino-americana. Não é nossa intenção, nesse momento e nesse espaço, aprofundar essas críticas ou debater sobre elas. Em vez disso, queremos destacar que o campo de pesquisa em Didática da História não é homogêneo, pois há várias maneiras de abordar e conceber os estudos desenvolvidos. Além disso, conceitos como consciência histórica, cultura histórica e identidade variam de acordo com o contexto e as referências teóricas utilizadas. Pesquisadores em diferentes contextos e realidades adaptam, reinterpretam e aplicam esses conceitos de maneiras diversas para investigar o ensino e a disseminação do conhecimento histórico na sociedade

Portanto, apresentaremos uma interpretação sobre diferentes trabalhos realizados sob a perspectiva Didática da História em cinco países: Alemanha, França, Espanha, Itália e Canadá. Destacaremos suas proximidades e diferenças. Devido às limitações de espaço nesse texto, optamos por não abordar os estudos brasileiros em Didática da História, uma vez que,

⁴ Maiores detalhes e informações sobre as mesas e debatedores, podem ser acessados em: <https://wp.ufpel.edu.br/leh/eventos/curso-didatica-da-historia/>. De igual forma, todas as aulas estão gravadas e disponíveis na seguinte *playlist*: https://www.youtube.com/playlist?list=PLARGTv3HO0-KfMbJOK9ZNBMMSSb_VHkpx.

além dos autores já citados, outros como Rafael Saddi (2014) e Luis Fernando Cerri (2010) têm explorado as potencialidades e contradições desse campo de estudo.

A Didática da História na Alemanha

Iniciaremos nossa abordagem pela Alemanha, país de origem das discussões em Didática da História – *Geschichtsdidaktik*. Segundo Oldimar Cardoso, no *Dicionário de Ensino de História*,

O campo da didática da história foi criado originalmente na República Federal da Alemanha, mas expandiu-se já na década de 1970 pela reunião com historiadores austríacos e suíços de língua alemã. Em 1980, com a criação da Sociedade Internacional de Didática da História ou *Internacional Society for History Didactics* (ISHD; <www.ishd.co>), a concepção alemã sobre esse campo de pesquisa começou a ser partilhada com muitos países, sendo bem recebida especialmente a partir da década de 1990 nos antigos países comunistas. A experiência alemã sobre como lidar com um passado nazista e comunista, embasada em grande medida pelas pesquisas do campo da didática da história, serve de modelo desde então a diversos países, especialmente àqueles com histórias traumáticas recentes. (CARDOSO, 2019, p. 80).

Esse campo investigativo se tornou fértil em diferentes países. As contribuições dos seus estudos são múltiplas, mas podemos destacar: a percepção sobre a importância da história e do ensino de história para a vida dos indivíduos; analisar os processos de aprendizagem histórica em contextos escolares; identificar características e aspectos da formação da consciência histórica, do pensamento histórico, bem como os usos públicos da história e suas relações com a cultura histórica. Os referenciais teórico-metodológicos são desenvolvidos pelos investigadores a partir das demandas de orientação temporal de suas próprias realidades sociais, o que a faz ser um campo heterogêneo em suas abordagens.

Na Alemanha, a Didática da História – *Geschichtsdidaktik* – agrega um conjunto de reflexões e pesquisas com base no pensamento de autores como Jörn Rüsen, Klaus Bergmann, Hans Jürgen Pandel, Rolf Schörken, Annette Kuhn, dentre outros, que a concebem como uma parte indissociável da História. Esse campo de pesquisa não se ocupa apenas com a realidade escolar, mas sim com as diferentes formas e expressões da consciência histórica em sociedade. Esse campo tem sido considerado, por muitos investigadores, como um novo paradigma no que diz respeito ao ensino de história: (SADDI, 2014; CERRI, 2010).

Bergmann (1990), com seu texto *História na Reflexão Didática*, é considerado um dos primeiros autores a apresentar, no Brasil, uma definição sobre Didática da História, não como

um campo vinculado à pedagogia ou educação, mas como uma disciplina que investiga o caráter efetivo, possível e necessário dos processos de ensino e aprendizagem da História. Além disso, existe uma preocupação com a formação, o conteúdo e os efeitos do ensino e aprendizagem da história na sociedade contemporânea.

Conforme Bergmann (1990), a Didática da História direciona o seu olhar para todas as formas imagináveis de história na sociedade, isto é, aquela vivida e experimentada no cotidiano, aquelas que são produzidas e transmitidas cientificamente ou não, e a história enquanto ciência, com suas problemáticas, teorias, métodos e resultados. Para Jörn Rüsen,

A didática da história analisa agora todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar. (RÜSEN, 2010, p.32-33).

O ponto de partida e a extensão da Didática da História são os processos de aprendizado necessários para a vida prática, isto é, onde as experiências do passado são internalizadas como orientação da vida prática. Desse modo, o passado é elevado à consciência e transformado em modo interpretativo para o tempo presente. Rüsen (2012) aponta que, com essa expansão da área de competência do ensino de história para a análise de todas as formas e funções da consciência histórica, a Didática da História desenvolveu um auto-entendimento com o qual ela se apresenta com métodos e funções próprias. Isso, por sua vez, ocorre devido à função de orientação que o conhecimento histórico pode fornecer para a vida humana.

Bodo von Borries (2016) corrobora as afirmações de Rüsen ao destacar que a história corresponde a um modo distinto de pensamento que propicia ferramentas para a compreensão do mundo a partir da decodificação de fenômenos e orientações no presente e no futuro. Além disso, pelo estudo da história é possível examinar, (des) construir versões históricas já apresentadas como verdades. Nesse caso, a Didática da História pode contribuir com as suas análises e investigações para controlar essa função.

Entretanto, a Didática da História, enquanto ciência do aprendizado histórico, não está fechada em si, em suas próprias teorias ou referências, mas estabelece vínculos com a

epistemologia da história, com as ciências da educação e com a história da educação (ABUD, 2014), e mais:

Com a nossa ciência de referência (a História) a Didática interage não somente por meio da reflexão epistemológica, mas também com a história do ensino de História. São esses elementos que fornecem as informações para detectar os modelos de ensino com os quais vem se trabalhando nas escolas e por meio dos quais vem sendo construídos os saberes históricos escolares. Estes atendem numerosas finalidades, motivo pelo qual não podemos mais considerar a existência de um único saber escolar, mas de vários, que tem como suporte epistemológico as diferentes concepções de História, a variedade de vozes que dão sustentação à disciplina escolar, cada qual correspondendo a uma construção histórica. (ABUD, 2014, p. 92).

Rüsen (2012) destaca que mediante a consciência histórica, é possível trazer o lado subjetivo dos professores e identificar os processos de individualização e de socialização que implicam diretamente na formação de suas identidades, por meio de diferentes experiências históricas e de uma apropriação significativa da história.

Mesmo possuindo fortes vínculos com a história escolar, a Didática da História não procura compreender apenas o contexto escolar isolado (CARDOSO, 2008), uma vez que os processos de aprendizado ocorrem em diversos e complexos espaços da vida cotidiana. Esse campo investigativo busca a compreensão do papel da cultura histórica e da consciência histórica na sociedade.

Rüsen (2012) aponta que, com essa expansão da área de competência do ensino de História para a análise global de todas as formas e funções da consciência histórica, a Didática da História desenvolveu um entendimento com o qual ela se apresenta como relativamente autônoma, como uma subdisciplina da ciência da História, com seu próprio campo de pesquisa e ensino, com seus próprios métodos e com a sua própria função. Segundo o autor, isso ocorre devido a função de orientação que o conhecimento histórico exerce na vida prática humana e a Didática da História pode contribuir com seus estudos para controlar essa função.

No contexto dessas discussões, convém salientar, conforme José Machado Pais, que os conceitos de identidade e consciência histórica estão intimamente articulados entre si. Sem consciência histórica não haveria possibilidade de percebermos “quem somos”. Esta dimensão identitária emerge no terreno das memórias históricas partilhadas. O autor ainda assevera que

[...] o sentimento de identidade – entendida no sentido de imagem de si, para si, e para os outros – aparece associado à consciência histórica, forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros. Ao assegurar um sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo), a consciência histórica contribui, deste modo, para a afirmação da identidade – individual e colectiva. (PAIS, 1999, p. 1)

A História e as experiências em si não possuem um sentido próprio. Luis Fernando Cerri (2010) comenta que a consciência histórica concebe a história, no sentido amplo do termo, como a narrativa que coloca a identidade do indivíduo – e coletivo – em função do tempo. Compreender a consciência histórica, enquanto uma constante antropológica, como algo inerente ao ser humano (RÜSEN, 2001), é salutar porque as pessoas se relacionam com o tempo, de diferentes formas, produzem narrativas que lhe dão sentido, instituem as suas identidades e utilizam o sentido gerado para escolher as suas ações visando o futuro que almejam.

Rüsen (2014) afirma que a história, quando interpretada e atualizada de modo significativo no presente, pode exercer uma função de orientação temporal. Mediante o processo narrativo da consciência histórica, a história pode integrar experiências temporais desafiadoras – como na mudança acelerada da modernidade – numa concepção dinâmica do tempo, na qual a inquietude, a ameaça iminente da perda de identidade, se converte em uma chance de ação, tendo em vista o alcance de objetivos determinados

Há um princípio ruseiano de que o ser humano não deve apenas estar no mundo e o conceber como algo dado ou natural. É necessário interpretar e transformar a realidade, agir conforme objetivos e intenções e entender que o mundo, a sociedade e a vida prática são construções históricas. Para tanto, a consciência histórica deve entrar no jogo e ser concebida como

[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (RÜSEN, 2001, p. 57).

Além disso, a consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, enquanto ciência, e porque ela é necessária. Enquanto conteúdo da consciência histórica, o conhecimento histórico

[...] funciona como meio cultural, no qual são negociadas socialmente as determinações do rumo a seguir nas mudanças temporais, determinações que, em virtude do sofrimento, exigem uma ação e que são postas ou mantidas em movimento pelo próprio agir. (RÜSEN, 2014, p. 97-98).

Tais apontamentos acerca da consciência histórica, identidade e da história são essenciais, para demarcar o que se entende por estes conceitos e quais as suas contribuições para a formação do pensamento histórico e para o entendimento da própria função social da história na sociedade contemporânea. Entende-se que o saber histórico pode ser utilizado como argumentos contra abusos políticos ou sociais, ou como ponto de reflexão e formação de opiniões e, também, como impulsos para motivações e vontades de mudanças. O aprendizado histórico, segundos pressupostos da Didática da História, é parte inerente do processo de formação histórica de sentido, isto é, a aquisição de competências. O que se deve ensinar e aprender acerca do passado consiste exatamente naquilo que o torna significativo como história.

A Didática da História na França

Na França, a Didática da História – *Didactiques de l’Histoire* –, tornou-se um foco da preocupação de pesquisadores como Henri Moniot, Nicole Tutiaux-Guillon, Nicole Lautier, Nicole Allieu-Mary, Marc Deleplace e François Audigier que, a partir dos anos 1980, passaram a notar um contexto de transformações sociais e escolares em que o modelo de cultura escolar tradicional se mostrava incompatível com a cultura juvenil daquele momento. Segundo Tutiaux-Guillon (2011), os jovens não estavam acostumados a aprender história apenas ouvindo, de maneira passiva, os professores, tampouco conseguiam aprender com as anotações feitas em seus cadernos. As pesquisas em Didática da História contribuíram grandemente para que fossem questionados os modelos de ensino e aprendizagem desenvolvidos até aquele momento, inclusive para questionamentos acerca dos currículos e os livros didáticos de história.

Ao mesmo tempo, no contexto da historiográfica francesa, ocorreu uma renovação de estudos, objetos, temas e problemas no fazer histórico. A Nova História – *La Nouvelle Histoire* – emergiu a partir dos trabalhos de historiadores como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Roger Chartier, dentre outros, que passaram a apontar um conjunto de fontes para a produção do conhecimento histórico, tais como objetos arqueológicos, imagens, registros orais, fontes não-oficiais, etc. Também colocaram em pauta temas como a morte, o clima, sentimentos, imaginários, família, profissões, biografias, grupos sociais e identidades.⁵

⁵ Um panorama sobre os trabalhos desenvolvidos pelos historiadores da Nova História pode ser encontrado nas seguintes referências: Burke (2010) e Dosse, (2003).

Tutiaux-Guillon (2011) enfatiza que a necessidade de renovação da história escolar se tornou urgente diante das mudanças constatadas nos próprios modos de se fazer história.

Nicole Lautier e Nicole Allieu-Mary (2008) apontam, contudo, que o campo da Didática da História, na França, não é um domínio científico estruturado tal como na Alemanha ou no contexto anglo-saxônico. Segundo as autoras

Surgiu e continua a produzir pesquisas na indiferença, senão com o desprezo dos historiadores. Seus locais de ancoragem, em número reduzido, continuam sendo o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INRP) e a Universidade de Paris VII, ainda que, dentro do IUFM, tenham sido formadas equipes de professores-pesquisadores e professores-formadores, segundo recrutamentos (principalmente na história e pouco nas ciências da educação). Sem qualquer associação ou jornal oficial – apesar do curto IREHG – uma "comunidade" informal de pesquisadores, no entanto, se cristalizou em torno dos Encontros do INRP. (LAUTIER; ALLIEU-MARY, 2008, p. 95 – tradução nossa).

Conforme apontam Lautier e Allieu-Mary (2008), inicialmente a Didática da História foi alimentada pelas reflexões realizadas em outras didáticas, em particular da Ciência, entretanto, seus propósitos sempre a colocaram num lugar muito singular. A abordagem dos “usos públicos” da História, segundo as autoras, é o que garante a originalidade das investigações em Didática da História no contexto francês.

No ano de 1986, realizaram-se os primeiros congressos sobre a Didática da História e da Geografia organizados pelo INRP⁶ (Instituto Nacional para Pesquisa Pedagógica) e o primeiro ano da coluna *Didática*, na revista *Historien & Géographes*. Tutiaux-Guillon afirma que,

As pesquisas desenvolvidas no INRP, desde a década de 80, foram de central importância para a didática da história. Diversos doutorados foram concluídos por pesquisadores formados neste instituto, quando não havia nenhum curso universitário de didática da história. Refletindo sobre as inovações promovidas pela pesquisa-ação em ensino de história e geografia nas décadas de 70 e 80, os pesquisadores questionavam o ensino e o aprendizado efetivos. Isto abriu caminho para descrições e análises do ensino de história em salas de aula reais e questionamentos empíricos sobre o processo de aprendizagem relacionado ao conhecimento histórico. Estas pesquisas envolveram uma maior atenção a metodologias e a bases teóricas. Os temas dependiam de demandas políticas e também do foco de interesse do pesquisador: a variação é ampla, desde questões sobre a efetividade do ensino comum à implementação de práticas inovadoras, da aprendizagem da história à leitura/escrita em cursos de história, de questões de memória e

⁶ *Institut National de Recherche Pédagogique*. O INRP é um órgão público cujo objetivo é incentivar e aprimorar a pesquisa na área da educação. O website oficial da instituição é: <http://www.inrp.fr/internet_en>.

identidade a atividades intelectuais. Diversas pesquisas apontaram para os objetivos éticos e concepções da história na escola, e, recentemente, passaram a considerar as relações entre o ensino de história e compreensão do mundo e sociedade atuais, relações estas comumente apresentadas sem muita evidência. (TUTIAUX-GUILLON, 2011 p. 17-18).

A Didática da História, portanto, na vertente francesa, investiga os conteúdos, objetivos e práticas de ensino e aprendizagem da história pautadas em referências teórico-metodológicas provenientes dos campos da educação, história da educação, psicologia, ciências sociais (etnologia, antropologia, sociologia)⁷, dentre outros e, que ao mesmo tempo, constrói suas próprias abordagens teóricas.

Conforme aponta Catherine Souplet (2012), é esta abordagem heterogênea que caracteriza o campo investigativo da Didática da História na França, visto que os conceitos são importados de outras áreas das ciências sociais e educação, dando-lhes um valor descritivo e heurístico adaptada a cada realidade investigada.

Em estudo recente, Souplet (2021) analisa as teses de doutorado de Lautier, Audigier e Tutiaux-Guillon e aponta que tais pesquisas constituem o marco inicial das pesquisas em Didática da História na França e até hoje são referenciadas nos estudos da área. Segundo a autora, a tese de Lautier⁸, identificada na área da psicologia social, por um lado, apresenta uma visão complexa da aprendizagem, afastada da ideia de que aprender significa apenas adquirir conhecimento, mas sim é apropriar-se. Por outro lado, a autora é uma das primeiras a lançar os fundamentos de uma didática da História francesa.

A tese de Audigier⁹ é identificada na área das ciências da educação. Conforme Souplet (2021), Audigier corrobora o pressuposto de Lautier de que aprender significa apropriar-se, porém, escolhe estudar história e geografia de maneira associadas conforme as suas presenças no ambiente escolar. O autor justifica sua escolha ao pontuar que ambas são

⁷ Em diversos trabalhos é possível identificar a presença de conceitos como memória, identidade, narrativa, cultura escolar, transposição didática, psicologia cognitiva e representações sociais. Os principais teóricos que balizam tais conceitos são: Jacques Le Goff, Pierre Nora, Denise Jodelet, Paul Ricouer, Antoine Proust, Michel de Certeau, Phillipe Joutard, Michel Foucault, Gadamer, Danilo Martucelli, Claude Dubar, François Dubet, Serge Moscovici, André Chervel, Yves Chevallard, Bernard Charlot, Vigostky.

⁸ LAUTIER, Nicole. *Histoire apprise, histoire appropriée: éléments pour une didactique de l'histoire* (thèse de doctorat, École des Hautes Études en Sciences Sociales), 1992.

⁹ AUDIGIER, François. *Les représentations que les élèves ont de l'histoire et de la géographie. À la recherche des modèles disciplinaires, entre leur définition par l'institution et leur appropriation par les élèves* (thèse de doctorat, Université Paris VII), 1993.

disciplinas sociais. A proposta de Audigier é construir uma teoria da história e geografias escolares.

Tutiaux-Guillon¹⁰ desenvolveu sua tese de doutorado também no âmbito das ciências da educação, defendida na Université de Paris VII, sob a orientação de Henri Moniot. A autora parte do pressuposto de que a aprendizagem é compreensão, ao invés de apropriação. De forma mais específica, busca analisar a compreensão dos estudantes, do ensino secundário, acerca do conceito de sociedade, no Antigo Regime e no século XIX. Além disso, a autora introduz uma modalidade de trabalho que ainda não havia sido realizada, qual seja, a de adentrar às salas de aula e observar as práticas de ensino. (SOUPLET, 2021).

Charles Heimberg e Valérie Opeïrol (2010), comentam que embora as pesquisas tenham avançado significativamente, a Didática da História na França teve dificuldades de conquistar legitimidade, especialmente entre os historiadores, e ainda sofre com isso, pois a presença dos pesquisadores ainda é minoritária. Embora esses desafios ainda tenham que ser enfrentados, Tutiaux-Guillon (2019) aponta que os estudos sobre o desenvolvimento e aquisição do pensamento histórico pelos alunos, continuam sendo uma das principais correntes investigativas em Didática da História. Outro ponto que a autora observa é que esses estudos são realizados a partir de diferentes pontos de vista e abordagens o que, por sua vez, gera uma polissemia dentro do próprio campo investigativo.

Charles Heimberg e Valérie Opeïrol (2012) comentam, por fim, que a despeito da polissemia existente em torno das definições do que é a Didática da História, os seus objetos de pesquisa são variados. Grande parte das pesquisas estão centradas na análise de currículos e aos métodos de ensino, incluindo propostas e análises de materiais didáticos, avaliações, experimentações em torno de projetos didáticos disciplinares, multidisciplinares ou interdisciplinares, o papel das novas tecnologias, análises comparativas entre distintos modelos curriculares, o uso de recursos didáticos, estudos de situações de aprendizagem em sala de aula, entre outros.

Os debates mais recentes apontam que os investigadores têm também procurado analisar a história ensinada para além do campo escolar e focar a relação entre a história escolar e as demandas da sociedade e do poder político. Além disso, no contexto das

¹⁰ TUTIAUX-GUILLON, Nicole. *L'enseignement et la compréhension de l'histoire sociale au collège et au lycée* (thèse de doctorat, Université Paris VII), 1998.

discussões sobre as reformas escolares, a disciplina de história tem sido visada devido a sua abordagem em temas históricos e questões sociais contemporâneas. (TUTIAUX-GUILLON, 2011; LALAGÜE-DULAC, 2016).

A Espanha e o entendimento acerca da Didáticas das Ciências Sociais

Na Espanha é comum o uso do termo *Didáctica de las Ciencias Sociales*, que concebe a história como uma de suas dimensões. Apesar disso encontramos diversos trabalhos com a expressão “Didática da História”, alguns que abordam questões mais gerais relacionadas ao ensino de história, e outros mais específicos que refletem sobre as possibilidades do desenvolvimento do pensamento histórico e propostas que dialogam com o campo da *History Education*. Ainda assim, é possível vislumbrar um número significativo de revistas e trabalhos de mestrado e doutorado que apresentam diferentes debates e demonstram que o campo vem se configurando, nas últimas quatro décadas, cada vez mais contando pesquisadores dedicados aos estudos do ensino de história e seus desdobramentos no campo educacional espanhol.¹¹

Joaquim Prats Cuevas é um dos pesquisadores que mais se destacam nas discussões acerca da Didática da História na Espanha. Logo nos inícios dos anos 2000 o livro “*Enseñar Historia: Notas para una didáctica renovadora*” (2001) fixa as bases para a realização de debates sobre como pensar o ensino de história de uma forma mais significativa, com reflexões acerca das dificuldades do trabalho docente, abordagens dos conteúdos históricos e o que julgamos como a principal contribuição dessa obra para o campo, o capítulo “*¿Destruir o explicar la Historia?*”, que lança reflexões a respeito da ressignificação de uma história conteudista, baseada em nomes e fatos, para outros olhares como os museus e monumentos, espaços públicos, bem como para a construção, por parte dos estudantes, de um pensamento autônomo acerca do conhecimento histórico. (PRATS CUEVAS, 2001 p. 76).

Uma década depois, Prats Cuevas juntamente com Joan Santacana Mestre, pesquisador da Universidade de Barcelona, apresentam uma concepção contundente acerca

¹¹ Franciso Garcia Pérez e Nicolás de Alba Fernández, pesquisadores da Universidade de Sevilha, no texto *La evolución de la didáctica de las ciencias sociales en España: trayectoria, problemas y retos. Una mirada a partir de experiencias* (2019), apontam um panorama das discussões sobre o desenvolvimento do campo investigativo das Didáticas das Ciências Sociais, e indicam as diferentes correntes de pesquisas, os principais eixos temáticos, estatísticas sobre os pesquisadores e suas filiações institucionais, bem como as perspectivas de futuro em relação a esta área na Espanha.

da ciência histórica e o ambiente que está descrito no texto “*Enseñar a pensar Históricamente: La clase como simulación de la Investigación Histórica*” (2011) que integra a coletânea “*Didáctica de la Geografía y la Historia*” organizada por Prats Cuevas e outros pesquisadores. Nesse trabalho os autores apontam que, para ensinar história, é necessário introduzir o método histórico no cotidiano escolar, no intuito de que a sala de aula seja compreendida como laboratório para a história. Dessa forma, os estudantes poderiam construir saberes sobre os processos históricos e obter ferramentas para entender a construção das narrativas que se constituem e circulam na sociedade.

Na Universidade de Murcia também há um debate consolidado em relação a Didática das Ciências Sociais. Pesquisadores como Pedro Miralles Martínez, Sebastián Molina Puche e Jorge Ortuño Molina no livro “*Didáctica de la Geografía y la Historia*” (2011), além de destacar a importância das discussões da historiografia para a sala de aula, abordam também a importância de debates críticos com temáticas envolvendo cidadania, democracia e humanismo e suas relações com a filosofia, sociologia e geografia. Pedro Miralles Martínez tem contribuído com pesquisas sobre o como as crianças das séries iniciais escolares aprendem história, destacando a ludicidade como ferramenta para construir narrativas a partir de vestígios do passado.

Na mesma direção, convém destacar o trabalho de Puche e María Fernandez-Rufete Navarro intitulado *La enseñanza de la historia en España: un largo camino hacia las competencias históricas* (2018). O estudo apresenta uma visão geral acerca das Ciências Sociais, em especial a disciplina de história, e o seu funcionamento no sistema educacional espanhol, sobretudo nos níveis pré-universitários. Para tanto, os autores realizam uma análise sobre as questões curriculares, as relações entre os professores e os livros didáticos, o modo como os conteúdos de história são estruturados, como são abordados em sala de aula e que são as chamadas competências históricas e suas relações com a história ensinada e formação dos alunos.

A partir das diferentes análises, os autores apontam, por exemplo, que as propostas curriculares espanholas acerca da história, com seus conteúdos e abordagens, são tradicionais em que predominam os conteúdos conceituais com uma visão nacionalista, baseados em uma mesma cronologia e nos principais eventos que marcam as diferentes épocas da história na

Espanha o que, por sua vez, visam a construção de uma narrativa identitária comum (PUCHE, NAVARRO, 2018).

Além disso, o estudo realizado por Puche e Navarro (2018) mostram que

De qualquer forma, os conteúdos históricos transmitidos através do currículo são concebidos a partir de um discurso único e fechado. Assim, não fazem referência a questões sensíveis e controversas relacionadas a genocídios, conflitos religiosos, direitos humanos ou problemas sociais como imigração, exílios, desigualdades sociais ou de gênero, entre outros. Essa ausência impossibilita o desenvolvimento da dimensão ética da história como meio de promover o julgamento crítico e a educação em valores, o que permitiria uma educação cívica voltada para a ação responsável no presente. Acreditamos que trabalhar em torno de problemas históricos permitirá abordar diferentes perspectivas históricas, interpretando o conhecimento histórico para aprender com o passado, ao mesmo tempo em que lidamos com os problemas do presente (PUCHE, NAVARRO, 2018, p. 163, tradução nossa).

Como resposta a esse diagnóstico, os autores afirmam que os conteúdos históricos formulados nos currículos deveriam estar centrados em problemas e questões históricas, no intuito de permitir que os alunos elaborassem as suas próprias perguntas e hipóteses, com base em fontes históricas, no intuito de gerarem suas próprias interpretações históricas para fins de construção do conhecimento histórico (PUCHE, NAVARRO, 2018).

Vale destacar que os autores propõem um modelo de ensino de história fundamentado no ofício do historiador, isto é, nas habilidades e estratégias que são próprias da elaboração do pensamento histórico. Nesse ponto, Puche e Navarro (2018) buscam conceitos e fundamentações em autores conhecidos no campo da History Education, como Peter Seixas, Tom Morton, Sam Wineburg, dentre outros, e propõem estratégias metodológicas e avaliativas pautadas na análise de fontes e evidências históricas, criação de narrativas históricas, desenvolvimento da empatia histórica, tudo isso também a partir de abordagens ativas, cooperativas e aprendizagens interdisciplinares. (PUCHE, NAVARRO, 2018).

No mesmo contexto dos estudos em Didática das Ciências Sociais, com enfoque direcionado para o ensino de história, Antoni Santisteban Fernández escrever o artigo *La formación de competencias de pensamiento histórico* (2010) no qual apresenta uma proposta de desenvolvimento de competências do pensamento histórico a partir de quatro abordagens: *consciência histórico-temporal* relacionada à temporalidade humana, mudança e

controle sobre o tempo futuro; *representação da história*, incluindo a narrativa e a explicação histórica, para a reconstrução do passado; *imaginação histórica*, que abrange empatia e contextualização, juntamente com o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, e *juízo moral na história e interpretação histórica* baseada na análise de fontes históricas, na comparação ou contraste de textos históricos e no conhecimento do processo de trabalho da ciência histórica.

Segundo Fenández

Uma das finalidades mais importantes do ensino da história é desenvolver o pensamento histórico, com o objetivo de fornecer aos alunos um conjunto de instrumentos de análise, compreensão e interpretação que lhes permitam abordar o estudo da história de forma autônoma e construir sua própria representação do passado. Ao mesmo tempo, eles devem ser capazes de contextualizar e avaliar eventos históricos, estando cientes da distância que os separa do presente. Em qualquer caso, o desenvolvimento do pensamento histórico deve servir à formação de uma cidadania democrática que utiliza a história para interpretar o mundo atual e tomar decisões informadas sobre o futuro (FERNÁNDEZ, 2010, p. 35, tradução nossa).

O autor apresenta contundentes resultados ao propor que o trabalho com fontes e evidências históricas é um caminho frutífero para o desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes. Além disso, propõe um diálogo com a teoria da história e com diferentes autores do campo da educação histórica e a Didática da História no contexto internacional. Além disso, afirma que a história, enquanto uma ciência social, é um saber público, avaliável e está a serviço das pessoas e do fortalecimento da democracia (FERNÁNDEZ, 2010).

Outro ponto de destaque em relação ao ensino de história na Espanha, são as revistas sobre a Didática das Ciências Sociais que têm desempenhado um papel importante na disseminação dos resultados das pesquisas e trabalhos científicos, embora ainda não sejam um tipo de publicação influente e reconhecida pela comunidade científica que constitui o conjunto das diferentes ciências sociais.

Nesse contexto, é importante mencionar a Revista *“Enseñanza de las Ciencias Sociales”*¹², criada em 2002 e editada em conjunto pela Universidade de Barcelona (UB) e pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Conforme apontado em sua apresentação, a revista pretende promover a discussão científica sobre o tema e se constituir numa

¹² Para maiores informações acessar: <http://didactica-ciencias-sociales.org>.

ferramenta para o crescimento intelectual da jovem comunidade acadêmica do ensino das ciências sociais. Outra revista que vale ser destacada, com orientação semelhante, é a “*Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*”¹³, editada pela Universidade de Valência (UV), desde 1989 e que nos últimos anos tornou-se uma referência no campo.

A Didática da História na Itália

Na Itália a discussão da Didática da História, chamada de *Didattica Della Storia*, não possui uma sistematização, enquanto campo investigativo, tal como ocorre na Alemanha, mas se assemelha, em alguns pontos, à França e a Espanha. De forma geral, os trabalhos dos quais entendemos como área geral do ensino de história, são por lá desenvolvidos sob o âmbito de uma Didática da História. Procuramos, assim, apontar aqueles autores que vem produzindo pesquisas na perspectiva da aprendizagem histórica e que pautam suas abordagens na teoria e metodologia da história.

Ivo Mattozzi, professor da Università di Bolzano, sem dúvida é um dos maiores nomes na Itália. Em 1990 publicou o livro “*Un curricolo per la storia: proposte curricolari ed esperienze didattiche per la scuola elementare*” que constitui até hoje um marco no debate sobre o ensino de história no contexto italiano. Nessa obra Mattozzi apresenta uma reflexão sobre a construção, leitura e interpretações do currículo da educação básica, propondo que através da Didática da História o ensino poderia ser mais eficaz quanto ao interesse dos alunos o que, por sua vez, abriria caminhos para a construção de competências em relação ao conhecimento histórico, superando a lógica de uma aula de história puramente “transmissiva”.

Mattozzi (2004) propôs a ideia da aula de história como um laboratório da fascinação¹⁴, pois as práticas de ensino devem levar em conta que a história é um processo de conhecimento sobre um fato ou evento histórico, e que a cultura histórica passa por mudanças mediante o debate e o uso dos materiais didáticos. Outra grande contribuição diz respeito ao patrimônio histórico (o que ele muitas vezes chama de “bens culturais”) e os museus relacionado com o ensino de história.

¹³ Para maiores informações acessar: <https://ojs.uv.es/index.php/dces>.

¹⁴ Apesar da tradução literal para o português do termo utilizado por Mattozzi “*La fascinazione laboratoriale*”, ser “O fascínio do laboratório”, decidimos pela expressão Laboratório da fascinação, que no contexto de sua obra melhor destaca o despertar dos alunos para uma aula de história.

Um ponto interessante a ser destacado é que Matozzi (2015) trabalha com a noção de patrimônio e suas relações com o ensino de história a partir da perspectiva da transposição didática¹⁵, conceito este que é muito criticado por estudiosos da Didática da História. Segundo o autor, a transposição didática seria a ação de

[...] organizar rotas e desenvolver materiais buscando a compreensão da lógica e a estrutura expositiva, para que se alcance e os fins cognitivos e como eles podem servir, e isso requer o uso de livros especializados no lado historiográfico e no museu, para consultar catálogos e guias de museu. Graças a eles é possível identificar o tópico de uma forma adequada às necessidades do currículo, selecione os objetos de um museu e organizá-los em criando um sentido adequado para promover o exercício de atividades metodológicas e a construção de conhecimento, processamento de materiais que pode solicitar e apoiar as operações metodológicas e as de construção de conhecimento (MATOZZI, 2015 p. 75-76 – tradução nossa).

A relação do Patrimônio Histórico e a Didática da História possui também iniciativas de debates, produções e eventos na Universidade de Bolonha, principalmente promovidos pelo *Centro Internazionale di Didattica della Storia e del Patrimonio – DiPaSt*, atrelado ao Departamento de Educação "Giovanni Maria Bertin", e que promoveu a Conferência Internacional "*Orizzonti della Didattica della Storia*", realizado nos dias 6 e 7 de novembro de 2019, durante o tradicional "Festival Internacional de História" da Universidade de Bolonha, em sua 16ª Edição.

A pesquisadora Beatrice Borghi, da Universidade de Bolonha, vem desenvolvendo inúmeras pesquisas pelo *DiPaSt*, principalmente com a temática dos museus e do patrimônio. Entretanto, destacamos um recente estudo, realizado em parceria com Debora Montanari (2021) em que as autoras investigam os caminhos do ensino de história, do século XIX até o tempo presente.

Walter Panciera, da Universidade de Pádua, e Andrea Zannini da Universidade de Udine, são historiadores da área de história moderna que se destacam com o livro "*Didattica della storia: manuale per la formazione degli insegnanti*" (2006). Trata-se de uma das obras mais citada nas produções acadêmicas, de acordo com nossas pesquisas, principalmente as que destacam o processo de formação de professores. Um dos elementos apresentado é que o historiador docente constrói o processo de aprendizagem na problematidade, utilizando e refletindo narrativas e explicações pluricausais.

¹⁵ *Trasposizione didattica*

As discussões sobre a matriz alemã da Didática da História ganham destaque no trabalho *“La didattica della storia nella Repubblica federale tedesca”* da pesquisadora Marialuisa Lucia Sergio, da Università degli Studi di Roma. Nesse artigo a autora estabelece um estudo acerca da Didática da História na Alemanha Oriental e lança um olhar sobre a dimensão da democracia e o ensino de história, numa relação da consciência histórica com a História Pública, destacando que a democratização do conhecimento histórico ocorre principalmente pelo fortalecimento da interação entre o mundo acadêmico e os produtos que a sociedade consome como a TV, cinema, música e internet.

As iniciativas editoriais específicas da Didática da História na Itália são recentes. A maioria das produções presentes em periódicos da educação e história não possuem um escopo definido. Em 2019 o *DiPaSt*, da Universidade de Bolonha, publicou o primeiro número da revista *Didattica della storia*¹⁶ tendo como editora chefe a professora Beatrice Borghi. Os números são publicados com trabalhos no idioma italiano, inglês, espanhol e português e se mostra como uma iniciativa importantíssima para a Didática da História Italiana.

A Didática da História no Canadá

A historiadora e pesquisadora canadense Nathalie Popa, em seu artigo intitulado *La conscience historique en didactique de l’histoire au Canada* (2017) esboçou um minucioso quadro acerca das abordagens, definições e investigações realizadas no campo da Didática da História no Canadá. Conforme a autora, os didáticos¹⁷ da história canadenses consideram que os seres humanos estão marcados, atualmente, por transformações profundas em suas relações com o passado e a compreensão da história. Desse modo, a partir dos anos de 1990, os pesquisadores passaram a desenvolver interesses pela abordagem do pensamento histórico e a consciência histórica.

Em 2001 foi realizado o simpósio denominado *Canadian Historical Consciousness in an International Context: Theoretical Frameworks* (Peter Wall Institute, University of British Columbia) e a fundação da cátedra dedicada ao estudo da consciência histórica, no *Centre for*

¹⁶ Para maiores informações acessar: <https://dsrivista.unibo.it>.

¹⁷ Originalmente o termo utilizado pela autora, em francês, é *didacticiens* que pode ser traduzido como didáticos. Por didáticos da história entende-se o/a pesquisador/a que realiza investigações, em diferentes frentes, acerca do ensino de história, no âmbito da Didática da História.

the Study of Historical Consciousness (CSHC)¹⁸ e a produção da obra *Theorizing Historical Consciousness* (University of Toronto Press, 2004), organizada e edita pelo professor Dr. Peter Seixas.

Peter Seixas (2004), ao lançar as bases e sistematizações das discussões acerca da consciência histórica, no contexto canadense, afirmou que cinco princípios eram essenciais, enquanto guias, para desenvolvimento das futuras investigações que envolvessem o ensino de História e a Didática da História

- *A relação entre a história acadêmica e a história popular*¹⁹. É necessário reconhecer a complexidade das relações entre a prática profissional da história que visa promover o conhecimento histórico e a prática da história popular (praticada pelos indivíduos em geral, instituições), que visa mobilizar o passado em função de diferentes propósitos, seja em favor de projetos identitários, políticas públicas afirmativas, políticas educacionais e até mesmo em favor do entretenimento lucrativo;
- *A relação entre a teoria, a pesquisa empírica e prática*. É necessário que as investigações ocorram de maneira sistematizadas, teorizadas, testadas, validadas, reformuladas e retrabalhadas à luz das diferentes teorias e debates no campo investigativo;
- *O imperativo comparativo*. Teorias sobre a consciência histórica devem ser capazes, de maneira ampla e suficiente, de explicar radicalmente os diferentes caminhos, compreensões e usos do passado, em diferentes culturas e subculturas ao redor do mundo, sem o uso de lentes ocidentais que pode incorrer na criação de hierarquias;
- *A necessidade de compromissos em relação aos valores*. A fim de contribuir com para os currículos e formulação de outras políticas públicas, os estudiosos da consciência histórica devem compreender a aceitar o peso dos julgamentos normativos, visto que tal conceito podem promover diferentes arranjos políticos e sociais. Neste sentido, promover uma sociedade aberta, justa e democrática implica em estabelecer compromissos com os valores em relação à consciência histórica.
- *Historicizar os estudos sobre a consciência histórica*. Os estudiosos da consciência histórica devem historicizar a sua própria prática. É preciso localizar as questões, os métodos, caminhos e implicações políticas do trabalho investigativo dentre de uma conjunta política, social e cultural, a fim de compreender suas genealogias e suas naturezas contingentes.

Conforme aponta Seixas (2004), os estudos reunidos na obra *Theorizing Historical Consciousness* contemplam esses cinco princípios acima relacionados. Além disso, esses

¹⁸ O Centro para o Estudo da Consciência Histórica foi fundado em 2001 e dirigido pelo professor Dr. Peter Seixas até o ano de 2016. Para mais informações, conferir: <https://www.cshc.ubc.ca/about/>.

¹⁹ Os cinco princípios formam aqui realizados a partir de uma tradução livre e adaptados para este texto. Os fragmentos originais encontram em: Seixas (2004, p. 10-11).

estudos serviram como uma forma de modelo e caminhos a serem seguidos pelos investigadores que se propunham a analisar as relações entre história e consciência histórica na sociedade canadense. A partir de então, inúmeros projetos foram criados no âmbito de diferentes universidades como a University of British Columbia, McGill University e Université Laval, bem como a defesa de teses e dissertações que envolvem temas como o pensamento histórico, consciência histórica, narrativa, identidade, dentre outras temáticas.

Peter Seixas, por exemplo, conduziu *Historical Thinking Project* (Projeto Pensamento Histórico) que foi elaborado com o objetivo de promover uma nova abordagem acerca do ensino de história no Canadá. O projeto gira em torno da proposição de que o pensamento histórico é essencial no ensino de história e alunos devem adquirir diferentes competências para a promoção do pensamento histórico, à medida em que progredem na escolaridade²⁰. Como fruto deste projeto, em conjunto com Tom Morton, publicou o livro intitulado *The Big Six Historical Thinking Concepts* (2012), em que abordam os conceitos em torno do pensamento histórico dos quais todo estudante precisa desenvolver. São eles: o estabelecimento de significância histórica; o uso de evidências e fontes primárias; a identificação de mudanças e continuidades; a análise de causas e consequências; a tomada de perspectivas históricas; a compreensão da dimensão ética das interpretações históricas.

Desde então diferentes autores como Jocelyn Létourneau, James Wertsch, Catherine Duquette, Stéphane Lavesque, Nathalie Popa, Paul Zanzanian e Christian Laville tem realizado análises que enfocam as relações que crianças, jovens, adultos e idosos estabelecem com a História (e o passado em geral), com os saberes históricos em lugares como a escola, os museus e a cultura midiática. Além disso, procuram levantar dados relativos ao modo como constroem suas diferentes narrativas históricas, suas interações com símbolos históricos e o pensamento histórico quando confrontado com diferentes fontes históricas.

Para a realização de tais abordagens investigativas, os autores desenvolveram diferentes entendimentos acerca do conceito de consciência histórica – central na Didática da História. Segundo o mapeamento realizado por Popa (2017), é possível identificar cinco temas recorrentes em torno da abordagem da consciência histórica, conforme por ela apontados, a saber:

²⁰ Para mais informações conferir: <http://historicalthinking.ca/>.

- *Consciência histórica enquanto uma encruzilhada ou ponto de intersecção*²¹ – nesta abordagem a consciência histórica é entendida como um espaço que se entrecruzam memória coletiva, escrita da história, cidadania, ensino de história e outras formas de representação do passado;
- *Consciência histórica enquanto “perspectiva crítica”* – tal abordagem concebe que através da consciência histórica pode-se desenvolver uma habilidade cognitiva reflexiva e crítica em relação às experiências do passado mediante a aprendizagem de conceitos de segunda ordem e do método histórico;
- *Consciência histórica e memória histórica* – nesta abordagem a memória histórica, entendida como as representações e interpretações do passado compartilhadas por um indivíduo ou grupo são elementos constitutivos da consciência histórica. Além disso, ressalta a relevância do seu papel cultural e social em relação ao pertencimento a uma determinada comunidade.
- *Consciência histórica, temporalidade e narrativa* – esta abordagem destaca que a consciência histórica possui o potencial de mobilizar representações e compreensões do passado através da narrativa que auxiliam os seres humanos nas tomadas de decisões e orientações no tempo e no espaço.
- *Consciência histórica e metáforas* – a partir dessa abordagem, diferentes autores propõe o uso de metáforas para fins de identificação e análises da consciência histórica dos indivíduos. As metáforas podem influenciar nas representações e interpretações do passado e fornecem indícios de como as pessoas veem ou compreendem a História.

Conforme destaca Popa (2017),

Em última análise, o estudo empírico da consciência histórica no campo da didática da história no Canadá parece estar ainda em sua infância. De fato, os estudos não seguem um protocolo uniforme. A escolha do objeto de estudos e o desenvolvimento de abordagens e estratégias analíticas são determinadas de acordo com os referenciais teóricos e objetivos específicos de pesquisa. Nesse sentido, os pesquisadores canadenses se inspiram uns nos outros, mas suas abordagens e metodologias são influenciadas principalmente pelas pesquisas realizadas no exterior, especialmente na Alemanha, Grã-Bretanha, Estados Unidos, nos países escandinavos, na Austrália, Espanha e Holanda. Além disso, em virtude da pluralidade associada à definição do conceito apontado acima, a forma como estes sobrepõem os diferentes estudos não é de todo óbvio, o que parece sugerir uma ligação entre as poucas pesquisas que se concentram principalmente na consciência histórica dos alunos e a imprecisão epistemológica associada ao conceito. Portanto, certamente seria vantajoso sistematizar a pesquisa no futuro e distinguir o estudo do pensamento e da consciência histórica, com um conjunto de dados históricos empíricos. Isso permitiria definir melhor a consciência histórica, bem como justificar a sua relevância. (POPA, 2017, p. 14)

²¹ Os cinco temas em relação à consciência histórica foram aqui realizados em forma de tradução livre e adaptados para este texto. Os fragmentos originais encontram-se em: Popa (2017, p. 8-11).

Como podemos perceber, no campo da Didática da História canadense, não há uma homogeneidade na definição sobre o conceito de consciência histórica. Os pesquisadores adotam posturas diferentes em relação as formas e funções da consciência histórica na sociedade, porém, muitos compartilham a ideia de que ela nos convida a pensar e viver o mundo historicamente. Por sua vez, tais preceitos possuem um grande valor educacional do ponto de vista dos didáticos da história.

Considerações finais

Alguns pesquisadores, dentro do cenário acadêmico brasileiro, expressam críticas direcionadas às investigações em Didática da História conduzidas no país. Acreditamos que tais críticas muitas vezes decorrem de interpretações equivocadas das referências, conceitos e propostas no campo, bem como de leituras superficiais das obras já produzidas ou mera crítica pela crítica. É relevante salientar que esse nosso texto destaca a natureza diversificada do campo da Didática da História e a presença de múltiplas abordagens, concepções, perspectivas e potencialidades em nível internacional.

O termo Didática da História ficou marcado no Brasil pelas traduções de textos e artigos provenientes da vertente investigativa alemã. Por essa e outras razões, alguns pesquisadores não aceitam tais discussões e reflexões por não concordarem justamente com os trabalhos, sobretudo de Jörn Rüsen, acreditando que o campo da Didática da História se limita – e se encerra – única e exclusivamente a tal abordagem alemã. Outros acusam os estudos da Didática da História como sendo “eurocentrados” e de que essas abordagens não são úteis ou suficientes para pensar e interpretar as demandas da aprendizagem histórica na realidade brasileira ou latino-americana.

Muitos dos autores e autoras aqui relacionados ao longo do texto podem até serem questionados como não sendo pertencentes ao campo da Didática da História, justamente por não dialogarem diretamente com a matriz alemã ou por relacionarem diferentes perspectivas teórico-metodológicas de acordo com cada realidade. Todavia, o que nos motivou a elaborar esse inventário das proximidades, com diferentes pesquisas pelo mundo, foi justamente a possibilidade de mostrar que os investigadores propõem diferentes diálogos, muitas vezes abertos, com as diferentes demandas de aprendizagens, educacionais e por orientação histórica. Os estudos relacionados também apontam a riqueza das investigações

em Didática da História e sua preocupação com uma história pública, isto é, com as múltiplas formas e funções que se apresentam e circulam na cultura histórica como um todo.

Dessa forma, procuramos apresentar iniciativas preocupadas com a história, enquanto disciplina escolar e como o aprender sobre o passado pode ser algo interessante, relevante e significativo para a atual e para as futuras gerações. Em diversos países os intelectuais trouxeram essa discussão para o campo da história, superando a dimensão de um ensino enquanto mera técnica de reprodução de conteúdo. A Didática da História é um desses campos que tem se preocupado com o que os estudantes pensam sobre o passado, como eles poderiam participar efetivamente do processo de construção da história, percebendo que lacunas, intencionalidades, silenciamentos, entre outras tantas questões e dilemas.

A ideia da construção desse inventário foi criar uma dimensão ampla, para além das contribuições da Didática da História alemã, e mostrar como os pesquisadores e pesquisadoras, em diversas partes do mundo, constituíram um campo investigativo com iniciativas que relacionam as identidades e o usos públicos da história pelos franceses; o pensar historicamente dos espanhóis; os laboratórios (escolares) de história dos italianos, bem como as categorizações e múltiplas formas de identificar a consciência histórica e o pensamento histórico na perspectiva canadenses.

Os historiadores docentes enfrentam todos os dias a resistência por parte de seus alunos e alunas, do ensino fundamental, médio e até mesmo do superior, às aulas de história. Para muitos o conhecimento histórico trata apenas do passado sem nenhuma ligação com a vida cotidiana. Os pesquisadores e seus trabalhos, apresentados ao longo desse texto, nos fazem refletir sobre uma importantíssima questão: uma boa aula de história não consiste apenas em conceder uma exposição conteúdos através de procedimentos e técnicas de abordagens que se encaixam aos vários assuntos que devem ser tratados em sala de aula. Pelo contrário, dar uma boa aula de história consiste na atitude do professor e da professora em construir uma aula viabilize o pensar historicamente, dando ouvidos e voz aos estudantes, possibilitando o que chamaríamos de genuínas aulas históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia. Didática da História: uma contribuição para o debate na Educação histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (orgs.). *Passados Possíveis: a educação histórica em debate*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. Os microcampos da didática da História: A teoria da História de Jörn Rüsen, pesquisas acadêmicas e o ensino da história. *Revista de Teoria da História*, v. 12, n. 2, p. 15-67, 2014.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, set/fev1990.

BORGHI, Beatrice; MONTANARI, Debora. La enseñanza de la historia en Italia, entre pasado, reformas y horizontes futuros, *Futuro del Pasado*, n. 12, 2021, p. 91-121.

BORRIES, Bodo von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone histórico? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, p. 171-196, abr/jun, 2016.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1898) – A Revolução francesa da historiografia*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da histórica escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *O ensino de história em questão: cultura histórica e usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 17-36.

CARDOSO, Oldimar. Didática da História. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (orgs.) *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de didática da história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, n. 55, p. 153-170, jun. 2008.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, n. 15, v. 2, p. 264-278, Inverno, 2010.

CUEVAS, J. P., GONZÁLEZ, X. M. S., FARIÑA, R. P. P., CARBONELL, C. A. T., & MESTRE, J. S. (2011). *Didáctica de la Geografía y la Historia*, n. 82, Ed. Graó, 2011.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Florianópolis: EDUSC, 2003.

FERNÁNDEZ, Antoni Santisteban. La formación en competencias de pensamiento histórico. *Clío & Asociados*, n. 14, p. 34-56, 2010.

HEIMBERG, Charles, OPERIOL, Valérie. La didactique de l'histoire. Actions scolaires et apprentissages entre l'intelligibilité du passé et la problématicité du monde et de son devenir. In: *Les didactiques em question (s). État des lieux et perspectives pour la recherche et la formation*. Bruxelles: De Boeck Supérieur, 2012. p. 78-88.

LALAGÜE-DULAC, Sylvie (et.al). Introducion. In: *Didactique et Histoire: des synergies complexes*. Rennes: Press Universitaires de Rennes, 2016.

LAUTIER, Nicole; ALLIEU-MARY, Nicole. La Didactique de L'Histoire. *Revue Française de Pedagogie*, n. 162, jan/fev/mars, 2008.

MATTOZZI, Ivo. Il museo nel curricolo di storia: una questione di trasposizione didattica. *Educar em Revista*, n. 58, p. 69-85, 2015.

MATTOZZI, Ivo. La didattica laboratoriale nella modularità e nel curricolo di storia. Insegnare storia con le situazioni-problema. *Quaderno di CLIO*, v. 92, 2004.

MATTOZZI, Ivo. *Un currículo per la storia: proposte curricolari ed esperienze didattiche per la scuola elementare*. Cappelli, 1990.

MATTOZZI, Ivo. Il museo nel currículo di storia: una questione di trasposizione didattica. *Educar em Revista*, n. 58, p. 69-85, 2015.

MIRALLES MARTÍNEZ, P.; MOLINA PUCHE, S.; ORTUÑO MOLINA, J. *La importancia de la historiografía en la enseñanza de la historia*. *Educatio Siglo XXI*, Editora GEU, 2011.

MISTURA, Letícia. As matrizes teóricas da aprendizagem histórica no Brasil: um estudo compreensivo, *Revista História Hoje*, n. 9, v. 18, p. 77-100, 2020.

MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana. *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*. Rio de Janeiro: MAUDX, 2019.

PAIS, José Machado. *A consciência histórica e identidade: os jovens portugueses num contexto europeu*. Oeiras: Celta: 1999.

PANCIERA, Walter; ZANNINI, Andrea. *Didattica della storia: manuale per la formazione degli insegnanti*. Le Monnier, 2006.

PÉREZ, Francisco García; FERNÁNDEZ, Nicolás de Alba. La evolución de la didáctica de las ciencias sociales en España: trayectoria, problemas y retos. Una mirada a partir de experiencias. In: BALBÉ, Maria; MONFORT, Neus González; SANTISTEBAN, Antoni (orgs). *Quin professorat, quina ciutadania, quin futur? Els reptes de l'ensenyament de les ciències socials, la geografia i la història*. Universitat Autònoma de Barcelona, 2019, p. 71-90.

POPA, Nathalie. La conscience historique en didactique de l'histoire au Canada. *Canadian Journal of Education / Revue canadienne de l'éducation*, n. 40, v. 1, 2017.

PRATS CUEVAS, Joaquiml. *Enseñar Historia: Notas para una didáctica renovadora*. Mérida (Badajoz): Junta de Extremadura, Dirección General de Ordenación, Renovación y Centros, 2001.

PUCHE, Sebastián Molina; NAVARRO, María Fernández-Rufete. La enseñanza de la historia en España: un largo camino hacia las competencias históricas. *Andamio*, v. 5, n. 1, p. 153-176, 2018.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão (Org.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. *Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Cultura Faz Sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SADDI, Rafael. Didática da história na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da *Neu Geschichtsdidaktik* na Alemanha e os desafios da nova didática da história no Brasil. *Opsis*, Catalão, v. 14, n. 2, p. 133-147, jul/dez, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (orgs.) *Passados possíveis: a educação histórica em debate*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2014.

SEIXAS, Peter; MORTON, Tom. *The big six historical thinking concepts*. Toronto: Nelson Education, 2012.

SEIXAS, Peter. *Theorizing of historical consciousness*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

SERGIO, Marialuisa Lucia. La didattica della storia nella Repubblica federale tedesca. *Didattica della storia—Journal of Research and Didactics of History*, v. 2, n. 15, p. 63-74, 2020.

SOUPLET, Catherine. La didactique de l'histoire en France à travers les thèses soutenues dans les années 1990. Étude de trois cas. *Revue des sciences de l'éducation*, n.47, v. 2, 250-269, 2021.

SOUPLET; Catherine. *Apprendre en histoire à l'école élémentaire: analyse didactique de l'activité cognitivo-langagière en classe*. Tomo 1. Tese de Doutorado em Ciência da Educação (Didática da História). Université Charles de Gaulle – Lille III, 2012.

TUTIAUX-GUILLON, Nicole. O paradoxo francês: cultura histórica significativa e didática da história incerta. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 1, p. 15-37, 2011.